

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lorena Fernandes Rodrigues

A VISÃO DOS PAIS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO – UM ESTUDO DE CASO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LORENA FERNANDES RODRIGUES**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201473087A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A VISÃO DOS PAIS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO**, desenvolvido durante o período de 5 DE MARÇO DE 2018 a 25 DE JUNHO DE 2018 sob a orientação de EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LORENA FERNANDES RODRIGUES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Dedico esse trabalho a Vanda Panisset, extraordinária mulher, mãe e avó e a João Panisset, seu pai, pelos incríveis esforços de pai e filha pela Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, meu namorado e a meus poucos e verdadeiros amigos, pela compreensão e força nos momentos de lágrimas.

Agradeço também aos guias D. Maria Mulambo e Sr. Sete Encruzilhadas, pelo apoio e força espiritual que me foram dadas todas as vezes que eu quis desistir ou achei que não conseguiria.

Agradeço ao orixá Obaluaê, que senti presente em cada momento difícil desse semestre.

Atotô Obaluaê!

A VISÃO DOS PAIS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO – UM ESTUDO DE CASO

Lorena Fernandes Rodrigues¹

RESUMO

Este trabalho visa apresentar as relações de aprendizado entre família e escola, bem como os conflitos entre os mesmos, elencando dentro da problemática, a questão do Ensino Religioso. Deste modo, o intento geral deste trabalho se dá na tentativa de compreensão das relações familiares, sua forma de entendimento do ensino das religiões e os conflitos que discorrem da disciplina. Assim, vamos poder compreender onde está enraizada a intolerância brasileira e poder traçar estratégias para combatê-la.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino Religioso. Tolerância. Escola. Família.

1. INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2011 e 2015 foram coletados dados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) sobre as denúncias de intolerância religiosa no Brasil, segundo o relatório disponibilizado a partir desses dados, 252 denúncias foram realizadas pelo Disque 100, apenas no ano de 2015.

Segundo dados da ouvidoria do SEDH, dos denunciadores, 66% relataram que o tipo de violência sofrido foi psicológico, enquanto 7% relataram violência física e outros 9% violência moral.

Dos locais em que a intolerância acontece, os que mais chamam atenção são os 7% das ocorrências dentro da escola e os 36% dentro das próprias casas. A porcentagem de vítimas durante a infância e a adolescência é 27%.

A base da intolerância é o preconceito, ou seja, um conceito preestabelecido a respeito de algo, pensando nisso, acredito que a maneira mais eficaz de extirpar seja a educação, no caso de uma intolerância religiosa, o ensino religioso seria a melhor forma.

A proposta deste trabalho é saber qual a opinião dos pais frente ao Ensino Religioso que é atualmente ministrado em duas escolas públicas na cidade de Juiz de Fora, bem como os possíveis conflitos que podem ser gerados da interação entre educação, família e religiosidade.

Por meio da comparação com a realidade do Ensino Religioso e seus modelos pedagógicos será possível verificar se há motivos para a preocupação dos pais e, caso haja, quais são, sobre essa disciplina.

Os procedimentos adotados para a realização deste trabalho consistiram em uma pesquisa bibliográfica, a elaboração e aplicação de questionários com pais de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental do Instituto Estadual de Educação e da Escola Estadual Francisco Bernardino.

Claramente, não é possível aqui estabelecer uma regra ou teoria a respeito do tema, uma vez que aqui se trata de uma pesquisa em ciências humanas, não foram encontradas outras igualmente relacionadas e o espectro de investigação é muito pequeno, mas acredito que opiniões como as que se seguem são importantes para aqueles que querem seguir os trilhos árduos do Ensino Religioso.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1- A Família e a Escola.

É notável que atualmente, as crianças e suas famílias têm sido impactadas pelo conflito entre a educação inicial e a educação formal (CORSINO apud SOARES, 2010), a tênue linha que separa casa e escola.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: lorenafrodrigues15@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

No caso deste estudo, veremos que essa mesma linha divide o aprendizado de valores morais e éticos que deveriam ser ensinados pelos pais e o Ensino religioso lecionado nas escolas públicas, sob as diversas formas epistemológicas que poderiam ser apresentadas.

No conflito do Ensino Religioso, a questão é o proselitismo praticado pelos professores e defesa da fé que os pais fazem quando se tratam de seus filhos aprenderem a história de novas religiões, exceto a praticada pelo círculo familiar.

Para esclarecer essa situação, será necessário retomar às múltiplas questões referentes ao aprendizado, sua relação com a família e sua dinâmica

A família é o primeiro grupo social que possibilita o desenvolvimento de uma criança, pois é no meio familiar que se encontra afeto, carinho, aprende sobre princípios, valores, respeito, cultura e ética. (MARCOLAN; FRIGHETTO; SANTOS, 2013, p. 2).

Tendo isso em mente, poderemos relacionar a dinâmica familiar e seus impactos tanto na educação inicial e formal quando no processo de aprendizagem.

Segundo Santos (2009), a família tem uma função importante no desenvolvimento da personalidade da criança, em especial porque ela projetará modelos comportamentais e valorativos que inspirarão os filhos. Nesse sentido, uma família autoritária e intolerante colocará em pauta modelos de comportamento restritivos, aumentando, possivelmente, os aspectos de intolerância, podendo os filhos “reproduzirem” esse padrão.

Apesar desta repetição de comportamentos incorporados dos pais pela criança, a escola será a grande avaliadora e, se necessário, remodeladora desse aprendizado familiar (SANTOS, 2009). Ao longo da socialização escolar

A criança vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social. (SANTOS, 2009, p.6)

Temos que considerar aqui, a transformação da família através dos tempos e que não passou sem consequências na vida dos filhos, principalmente devido às atuais reviravoltas nas configurações e comportamentos familiares, pois com o desenvolvimento do modelo econômico vigente aos padrões tecnológicos atuais, os membros da família foram forçados a começar a seguir o ritmo do capitalismo contemporâneo que implica na aceleração da rotina diária “e determina o tempo que as famílias têm para se dedicar aos filhos.” (MIGUEL; BRAGA, 2009, p.5)

Os problemas vividos nas relações familiares vêm acentuando-se, gradativamente, ao longo da história. Porém, nos últimos anos, percebeu-se mudanças drásticas nas famílias. A falta de tempo, os desencontros e a solidão têm sido graves dificuldades para os adultos dentro de suas casas. E para um adolescente, que necessita de apoio e orientação, se não for na família, onde os encontrará? (CASARIN, 2007, p.23)

Já não há mais tempo disponível para que os familiares atendam às necessidades emocionais e educativas das crianças, assim, pais e mães colocam sobre a escola a responsabilidade que lhes pertence, “a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos inserindo-os na sociedade.” (DI SANTO apud SOUZA, 2006).

Em relação às perspectivas da família com relação à escola com seus filhos encontram-se várias ideias de que a instituição escolar “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro. A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. (SOUZA, 2012, p.13)

O desenvolvimento da personalidade infantil é profundamente afetado pelo meio sociocultural em que a família vive, situações como divórcio que por menos conflituoso que seja, gerarão o trauma da separação na criança (SOUZA, 2012), desemprego e violência vão dificultar muito a aprendizagem infantil tanto em casa, quanto na escola.

A falta de estrutura em casa e as preocupações com a insegurança financeira resultam em uma instabilidade emocional que leva a problemas em sala de aula. Estes fatores, acrescidos do stress emocional dos pais, dificultam para a criança manter seus pensamentos voltados para a escola. (SOUZA, 2012, p. 10)

Outra complicação na educação familiar se dá no fato de que as famílias atuais já não possuem valores e certezas preestabelecidas, mas vão construindo-os em conjunto com o tempo.

Essa situação tem deixado menos eficiente o trabalho pedagógico realizado pela escola, uma vez que a escola precisa dedicar um tempo muito grande a situações/conceitos que deveriam ser trabalhados pela família. (MIGUEL; BRAGA, 2009, p.8)

Vale lembrar que alguns textos lidos para a composição deste trabalho e particularmente referente aos temas família, aprendizagem familiar e escolar, vê-se muitas vezes a culpabilização da mãe pela educação infantil atual e especificamente a culpabilização da revolução feminista e da inserção da mulher no mercado de trabalho pelo declínio da antiga estrutura familiar.

A saída da mãe para o mercado de trabalho, que é a figura central na educação de seus filhos, é um dos fatores que têm abalado a relação entre mãe e filho, as relações de amor, confiança, segurança, relacionamento social são construídas no decorrer do cotidiano, em um determinado tempo histórico e um delimitado espaço físico. (SOUZA, 2012, p.13)

A partir da constatação dos reflexos das transformações na sociedade e nas famílias, podemos imaginar que as crianças e os adolescentes tenham sido influenciados negativamente. (MIGUEL; BRAGA, 2009, p.7)

Essas autoras não consideram que a culpa pelo fracasso da educação de casa é de ambos os pais e que o divórcio não exime o homem da função paterna de também educar.

Algumas, porém, tomam-se responsáveis sozinhas pelos lares. Então, a mulher, que já tem dupla jornada de trabalho, fica com menos condições de acompanhar os filhos no seu desenvolvimento, e conseqüentemente no processo escolar. (MIGUEL; BRAGA, 2009, p.6)

No entanto, são as próprias mulheres que ficam sobrecarregadas por terem que trabalhar e cuidar de sua prole. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são cerca de 16,3% das famílias brasileiras chefiadas por mulheres, dos anos de 2005 a 2015, um milhão delas receberam a responsabilidade de criar seus filhos sozinhas.

Outro ponto que destaco é o número crescente de mulheres descasadas que precisam, praticamente sozinhas, arcar com o sustento da família, porque seus maridos assumiram o encargo de uma nova família ou, não aceitaram a gravidez e o filho, a situação conjugal que usufruíam. (CASARIN, 2007, 28)

Segundo Marcolan, Frighetto e Santos (2013), a educação é responsabilidade dos pais, enquanto a escola é o local de formação de novos cidadãos, partindo disso, a união dessas duas instituições possibilitará a construção de uma aprendizagem integral. Aqui se faz necessário o estabelecimento de separação entre a educação familiar e educação formal.

A educação familiar é um dos papéis da família, assim como, atenção com a educação formal, o interesse pelo desempenho e pelos relacionamentos das crianças e o acompanhamento dos acontecimentos em sala de aula (MARCOLAN; FRIGHETTO; SANTOS, 2013) e principalmente a transmissão e desenvolvimento de valores como ética e respeito, bem como virtudes iguais à honestidade, bondade, solidariedade que orientarão a criança não apenas na vida escolar, mas nas relações sociais em sua totalidade. Será o cumprimento ou não desses papéis que irá decidir o futuro escolar da criança.

A educação é ajudar a cada filho a crescer como pessoa, o que implica em proporcionar-lhes meios para adquirir e desenvolver as virtudes, tais como a sinceridade, a

generosidade, a obediência, honestidade, lealdade, amizade, bondade, solidariedade, dentre muitas outras. (SOUZA,2012, p.11)

A educação é de responsabilidade da família, pois é lá que a criança encontra afeto e carinho aprende sobre princípios, valores, respeito, cultura e ética, preparar para uma educação formal escolar e é com essas noções básicas passadas dos pais que a criança vai ingressar no meio escolar. (MARCOLAN; FRIGHETTO; SANTOS, 2013, p.2)

Segundo Souza (2012), a psicologia estabeleceu uma relação entre correção e trauma que, de acordo com ela, poderia impedir o desenvolvimento da independência infantil, gerando dúvidas nos pais sobre qual seria a forma certa de corrigir e educar os filhos. Por medo de errar, pais e mães acabam deixando seus filhos nas mãos das tecnologias, acreditando que dali poderia surgir alguma forma eficiente de educação.

Infelizmente chegamos a um momento em que deixamos a educação ser fanada por passeios em shoppings, no Google, Facebook e outros sites que substituem os pais, sites estes que tem sido o livro de ética entre as crianças e os adolescentes do mundo atual. (SOUZA, 2012, p.7)

Outra forma de transferência de responsabilidade acontece, seja por medo ou falta de tempo, quando os pais atribuem à escola, funções que pertencem a ela acrescentado daquelas que naturalmente já são da instituição.

Percebe-se que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, entre outros. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função. (SILVA apud SANTOS, 2009, p.8)

Os pais, por sua vez, deixaram de acompanhar a vida escolar de seus filhos atribuindo o ensinar e o educar à escola, justificando sua ausência por questões econômicas e sociais. Assim, professores se sentem sobrecarregados e despreparados perante esta nova sociedade que se apresenta. (SOARES, 2010, p.9)

Para observarmos melhor essa situação, convém explicar qual é a função da escola. O papel da instituição escolar é preparar para o exercício da cidadania, desenvolver as relações sociais e todas as qualidades técnicas de leitura, escrita e cálculo necessárias para a formação de um adulto capacitado para a convivência em sociedade (SANTOS, 2009), dessa forma, a escola auxilia na apropriação de conhecimentos científicos culturais, éticos, sociais e desenvolve o pensamento crítico acerca deles (FREIRE apud SILVA et al., 2005).

Pontuada a questão da família, escola e suas funções sociais, entraremos na questão de como essas instituições se relacionam com o Ensino Religioso, seus conflitos e aproximações.

2.2- Como é o Ensino Religioso brasileiro e seus conflitos.

No meio do conflito entre pais e escolas, aparece o Ensino Religioso, disciplina que causa polêmica e acirra os ânimos entre os pais, pois, não foram criados Parâmetros Curriculares Nacionais para essa disciplina, abrindo possibilidade para a ocorrência de proselitismos em sala de aula.

Apesar de ser área do conhecimento, o Ministério da Educação (MEC) não estabeleceu parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Religioso, em decorrência disso, a disciplina é objeto de discussão e alvo de polêmicas. (FLORES; PAULY, 2016, p. 79)

Por muito tempo a Igreja Católica comandou não só o ensino religioso, mas também a educação de modo geral, então doutrinações eram corriqueiras e normalizadas.

No Brasil, durante o império, onde vigorava o padroado, a educação religiosa, e grande parte da educação em geral, era de inteira responsabilidade da religião oficial do

Estado, o Catolicismo, que educava as novas gerações de acordo com os dogmas e a moral católica. (RANQUETAT JR., 2008, p.291)

Os pais e o Estado aceitavam bem esse ensino liderado pela igreja católica, afinal até aquele momento o catolicismo possuía sua maioria no Brasil, então a educação não era contestada porém, o tempo passou, e ocorreu a “explosão pentecostal” (LEONEL, 2010), deu-se início ao declínio da hegemonia católica, abrindo espaço para as religiões novas e recém-chegadas ao país terem seu lugar na esfera pública (LEONEL, 2010).

Pode-se dizer que, durante a primeira metade do século XX, o espaço público republicano destinado às religiões foi desenhado sob a hegemonia das instituições católicas, que contaram com a simpatia e a cumplicidade de inúmeras esferas do Estado. (LEONEL, 2010, p.385)

Hoje, no entanto, os pais não estão mais dispostos a tolerar o ensino proselitista que era realizado pela Igreja Católica, exatamente porque boa parte desses pais não são mais adeptos do catolicismo, graças a mobilidade religiosa advinda do movimento pentecostal (LEONEL, 2010).

Todas essas mudanças mostram o quanto é latente a necessidade de um ensino religioso plural que abrange o estudo da história e do fenômeno de todas as religiões, sem a prática de doutrinação ou proselitismo como direito garantido pela lei constitucional n.º 9.475 de 1997.

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Contudo, hoje o que se vê é um ensino religioso que teve roubado seu objetivo de produzir tolerância pelos conflitos que são causados entre professores e pais; de um lado, professores que não têm a formação adequada para lecionar o ensino religioso, colocando à frente de si mesmos, como professores, a própria fé. Do outro lado, estão os pais preocupados se seu filho está sendo doutrinado dentro de uma escola pública fora da fé que é doutrinado em casa.

Essa desconfiância, claro, pode ter sido motivada pelo tipo de Ensino Religioso que os próprios pais receberam, ministrados por professores nem um pouco preocupados com as religiões dos alunos, mas bastante interessados em mostrar a própria religião.

O professor de ensino inter-religioso mais indicado é o que aceita a veracidade do fenômeno religioso e não o vê como ilusão ou alienação (embora possa fazer críticas a fatores alienantes e ilusórios das religiões), é o que sabe respeitar com sinceridade outros credos que não o seu, reconhecendo o direito dos educandos de escolher o seu próprio, enfim, o que não procura doutrinar os alunos dentro de suas concepções, embora por uma questão de honestidade e coerência, possa dizer quais são elas. (INCONTRI; BIGHETO, 2004, p.8)

Entretanto, para que os professores de ER possuam essas características são necessárias melhorias na formação discente, disponibilizar cursos de licenciaturas nas universidades, realizar os treinamentos pedagógicos disponibilizados pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER).

Porém, esses problemas na formação discente estão enraizados ao nível superior e afetados por questões políticas (SOARES; STIGAR, 2016,). Se essa situação permanecer como está, terá forte influência no tipo de Ensino Religioso que será ministrado nas escolas. Afinal, queremos um ER que contribua ainda mais para intolerância ou um que forme cidadãos conscientes e tolerantes com o outro?

A atenção dada à melhoria da formação dos docentes do Ensino Religioso, a constante adequação dos programas de ensino, materiais didáticos e recursos, a revisão dos materiais didático-pedagógicos, são essenciais para a educação para a tolerância, a não-violência, o aprender a ser e o aprender a viver juntos. (DOMINGOS, 2009, p.63)

O Brasil é um país intolerante, não apenas no aspecto religioso, mas em todas as esferas da vida (RODRIGUES,2013). Nós, brasileiros, não sabemos lidar com o diferente seja na área política, econômica, religiosa, sexual, social e racial. Repudiamos violentamente toda e qualquer pessoa que seja diferente ou pense diferente. O brasileiro é assim, mas não podemos continuar assim. Não fomos educados para o diálogo, fomos educados para reagir e isso tem que mudar na escola, pela “*exclusão dos antagonismos*” entre a comunidade escolar, haverá respeito e tolerância (DOMINGOS,2009).

A intolerância vem do preconceito, ou seja, do “Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto.” (Dicionário Michaelis online), a função do Ensino Religioso é fornecer esses conhecimentos de maneira igualitária sobre todas as religiões para que cada indivíduo possa ter a percepção sobre até que ponto os conceitos trazidos de casa sobre cada religião estão corretos ou não, para que por meio do conhecimento do outro, a estranheza seja dissipada e o respeito e diálogo sejam aflorados.

Contudo, devem ser estabelecidos os modelos de aplicação desse ER e suas bases epistemológicas respeitando a laicidade estabelecida pelo decreto D119-A de Deodoro da Fonseca e Ruy Barbosa em 7 de janeiro de 1890 e as leis constitucionais redigidas após esse decreto como o artigo 5.º inciso VI da Constituição federal de 1988.

2.3- O Ensino Religioso.

Para entrarmos no conflito do ensino religioso é necessário observar a laicidade e a liberdade de crença. Um país que se denomina laico deve ter algumas características em comum, a neutralidade do Estado, o respeito à liberdade religiosa e de consciência, esses ideais de laicidade fazem parte dos princípios vindos da Revolução Francesa (INCONTRI; BIGHETO, 2004).

O princípio da laicidade é, ao mesmo tempo, o de afastamento da religião do domínio político e administrativo do Estado, e do respeito ao direito de cada cidadão de ter ou não ter uma convicção religiosa e de professá-la. Tem como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos (DOMINGOS, 2009, p.50)

A neutralidade do Estado ocorre pelo afastamento total entre Igreja e Estado, quando não é determinado por alguém ou um grupo de pessoas, a religião oficial do país, ou seja, quando nenhuma religião é reconhecida, o que não significa que é ignorada, nesse caso o Estado não abre margem para privilégios e toma para si, responsabilidades que antes pertenciam à Igreja, temos por exemplo os registros que outrora eram religiosos e passaram a ser civis, como o casamento civil e o registro civil (DOMINGOS, 2009).

O princípio da neutralidade também ajuda a garantir a presença de um Ensino Religioso que permita a transmissão de conhecimentos sobre todas as religiões sem que haja privilégios para qualquer uma (DOMINGOS, 2009).

Ao respeitar a neutralidade confessional, respeita em primeiro lugar, a individualidade do seu aluno; as convicções de suas famílias. Em segundo lugar, ao dar o mesmo espaço no ambiente escolar ao conhecimento de cada religião, ensina o princípio da tolerância e o exercita. (DOMINGOS, 2009, p.53)

Segundo Domingos (2009), o princípio da liberdade religiosa unida a laicidade, chamada de liberdade de consciência, torna ainda mais ampla as possibilidades de escolhas, uma vez que garante o direito individual de escolher qualquer das religiões disponíveis no país ou fora dele, mas também garante o direito de não escolher nenhuma delas, garantindo assim, a liberdade de cultuar ou não.

Tendo em mente esses princípios, podemos dizer que o ER não infringe ou poderia não infringir nenhuma dessas liberdades, sendo ministrado nas escolas públicas, afinal o Estado brasileiro sendo laico e obedecendo aos princípios da laicidade, oferecendo essa disciplina em suas instituições de ensino tem a obrigação de oferecer não apenas opções aos pais e alunos se querem ou não o estudo das religiões, limitando-se ao ensino de apenas uma crença, mas ensinar todas elas, para que não haja privilégios de uma ou outra instituição religiosa sobre a consciência dos alunos.

2.4- Os três modelos de Ensino Religioso

A compreensão dos três modelos de Ensino Religioso, é fundamental para estabelecermos aqui, qual se encaixa e qual não na conjuntura de uma escola pública em um país laico.

Aqui será usado a explicação de João Décio Passos na obra *Ensino Religioso: construção de uma proposta* (2007) e a sintetização de Robson Stigar (2010) sobre os três modelos de Ensino Religioso, eles são: Catequético, Teológico e das Ciências da Religião.

O modelo Catequético segue o modelo que a Igreja Católica usou durante muito tempo, esse nome é dado devido às catequeses que tem o objetivo de doutrinar os adeptos do catolicismo, sendo sua base a confessionalidade, podendo gerar intolerância e sempre ocorrer proselitismo.

O modelo Catequético possui uma cosmovisão unirreligiosa, seu contexto político é a aliança entre Igreja e Estado, tem como fonte os conteúdos Doutrinários e seu método é a Doutrinação. (PASSOS apud STIGAR, 2010, p. 545)

Ou seja, esse modelo por ser usado em doutrinação, não reconhecer a pluralidade religiosa e se pautar na aliança Igreja e Estado, é incompatível com os princípios de neutralidade do Estado, liberdade de crença e consciência como princípios da laicidade. Sendo assim, inconcebível na escola pública moderna.

O modelo teológico tem o objetivo de realizar uma formação religiosa no cidadão e são as confissões religiosas que transmitem esse conhecimento, ou seja, representantes de múltiplas religiões ficam encarregados de ministrar essas aulas, a ideia é fugir do modelo confessional e catequético, no entanto, exatamente por permitir ser lecionada por representantes religiosos, corre o risco de se transformar numa “catequese disfarçada”.

O modelo Teológico possui uma cosmovisão plurirreligiosa, seu contexto político é a sociedade secular, sua fonte nasce da antropologia/teologia plural e seu método é a indução. (PASSOS apud STIGAR, 2010, p 545 e 546)

Dessa forma, o modelo teológico respeitará, de alguma forma, o princípio da neutralidade do Estado, pois, abre espaço para todas as religiões ministrarem o Ensino Religioso, porém, ele não respeita o princípio de liberdade de consciência, uma vez que seu objetivo é a formação religiosa e não considera os indivíduos sem religião.

Este modelo também pode ocasionar, na prática de proselitismo, uma vez que são representantes de religiões na função de representantes, ministrando o Ensino religioso, o que desrespeitaria a liberdade de crença, perante alunos de outras religiões.

O modelo das Ciências da Religião segue uma visão baseada na epistemologia e vê a religião como dado sociocultural e antropológico (PASSOS apud STIGAR, 2010) tendo como seu objetivo a formação do cidadão e encarando o estudo das religiões como uma área de conhecimento igual as outras.

A base teórica e metodológica desse modelo remete às Ciências da Religião, possui uma cosmovisão transreligiosa, seu contexto político é a sociedade secularizada, sua fonte é as Ciências da Religião e seu método é a indução. (PASSOS apud STIGAR, 2010, p.546)

A responsabilidade por lecionar as aulas seriam os membros da comunidade científica e do Estado, porém, como já supracitado existe o desafio na formação dos professores, que não possui um investimento adequado do Estado brasileiro.

O campo epistemológico do ensino religioso está em construção por isso precisa de um foco (BRANDENBURG, 2013). Segundo Brandenburg (2013) a fenomenologia poderia organizar os conhecimentos sobre o fenômeno religioso e é importante para mostrar a pluralidade religiosa e contribuir para o desenvolvimento da tolerância (CASTRO; BALDINO, 2014), apresentando o contexto sociocultural, os símbolos, os mitos de cada religião (SOARES; STIGAR, 2016), ou seja, realizar uma apresentação do transcendente, com foco na diversidade religiosa e do fenômeno religioso.

Essa visão fenomenológica é fundamental para o mundo plural e, principalmente, para o vasto campo religioso brasileiro, pois “Ao entender cada religião como fenômeno e não como o fenômeno, pode-se construir uma consciência antifundamentalista [...]” (CASTRO; BALDINO, 2014).

A pluralidade religiosa é um fato no Brasil e tem garantido seu direito constitucional, no entanto, ela não é respeitada e nem reconhecida, na prática, seja pelo Estado por meio de lideranças ou pelas próprias famílias através da intolerância.

2.5- Estudo de Caso - Os pais e o Ensino Religioso

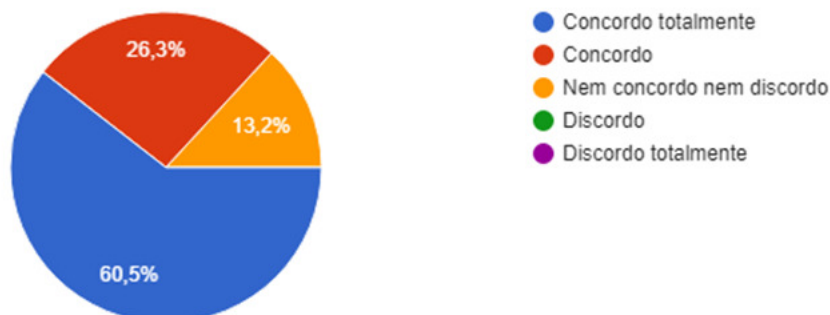
Este estudo de caso foi feito por meio de aplicação de um questionário realizado entre os dias 11 de maio de 2018 e 12 de junho de 2018 com trinta e oito pais/responsáveis com as idades entre 25 e 69 anos em duas escolas públicas da cidade de Juiz de Fora: o Instituto Estadual de Educação (IEE) e a Escola Estadual Francisco Bernardino (EEFB). O questionário continha dezessete perguntas relacionadas ao relacionamento dos pais/responsáveis com a escola, com os filhos e sua opinião referente ao Ensino Religioso e sua forma epistemológica.

2.5.1- Gráficos organizados temas

2.5.1.1- Interação dos pais com as atividades propostas pela escola.

1) Estou sempre em contato com a escola do meu filho (a).

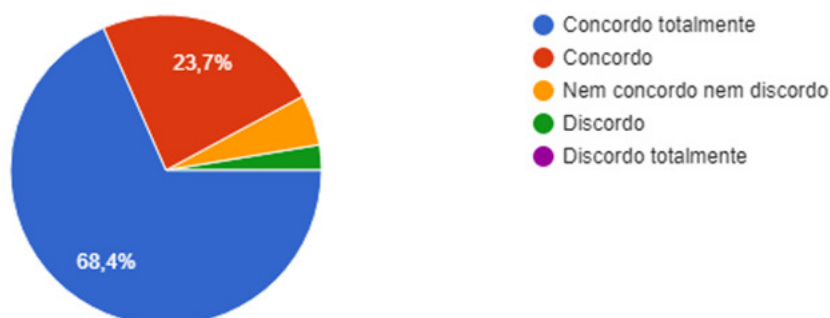
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

2) Sempre ajudo meu filho (a) na lição de casa.

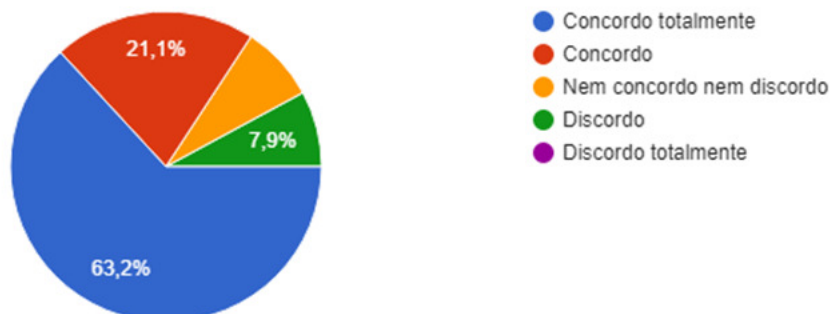
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

3) Estou sempre presente nas reuniões escolares.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

A presença dos pais na vida escolar dos filhos é de suma importância, faz os filhos se sentirem valorizados, resolve eventuais problemas disciplinares e melhora a relação entre família e escola. (SOARES, 2010)

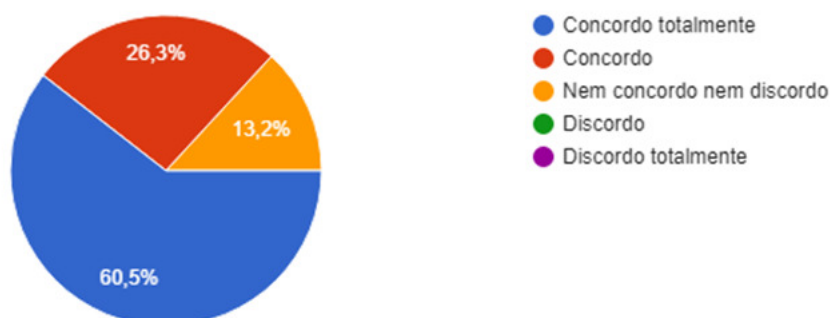
Participar é interagir, é propor mudanças, é um ato que precisa ser praticado cada vez mais, pois, acredito que quanto mais deixamos que outros tomem decisões ou participem por nós, mais corremos o risco de cair no ostracismo.

A participação, é antes de qualquer coisa e em qualquer esfera da vida, um ato de cidadania.

2.5.1.2- Relação: Pais, Escolas e Valores Morais

10) O papel da família é ensinar valores morais.

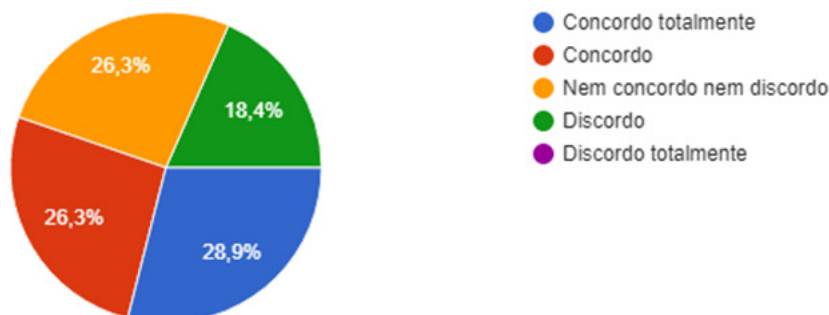
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

11) O papel da escola é ensinar valores morais.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

A questão dos valores morais é algo, mais complexo, pois, não há consenso entre os pais sobre o ensino de valores morais na Escola, durante uma conversa com uma das mães entrevistadas no IEE, ouvi ela dizer: “Sobre isso a gente tem até que falar baixo, porque se a gente diz que o papel da escola não é esse, só falta baterem na gente”.

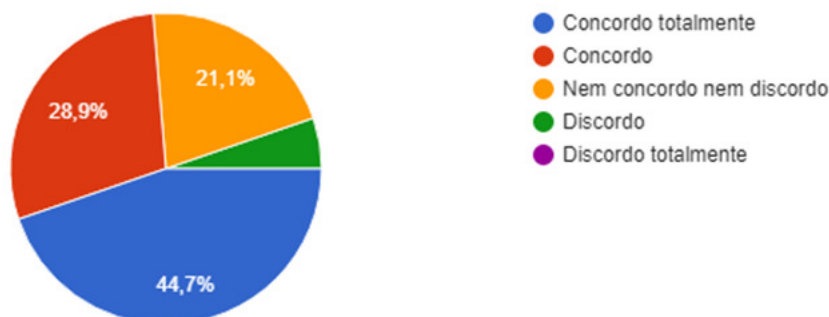
Essa curta frase diz muito sobre a transferência de responsabilidades e a falta do estabelecimento de limites sobre o que os pais acham que a escola deve ensinar e o que ela realmente deve ensinar.

No total, 55,2% dos pais entrevistados concordam que valores como ética, respeito, amizade e caráter também tem que ser aprendidos na escola, mas acredito que a escola seja o lugar em que se deve exercitar e colocar em prática esses valores transmitidos pelos pais.

2.5.1.3-Relação Pais-Filhos-ER

4) Compreenderia as possíveis dificuldades do meu filho (a) na disciplina Ensino Religioso.

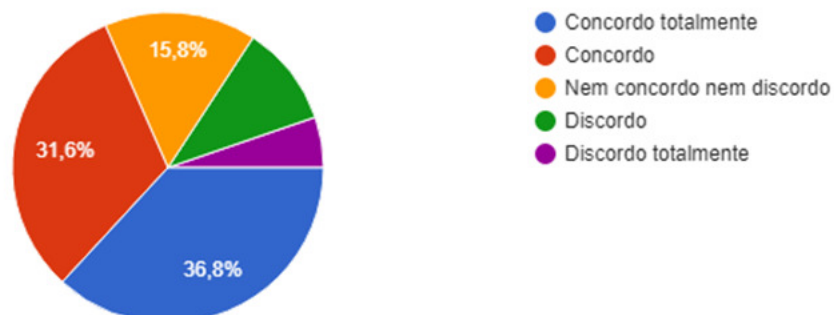
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

5) O ensino religioso é importante para a vida do meu filho (a).

38 respostas



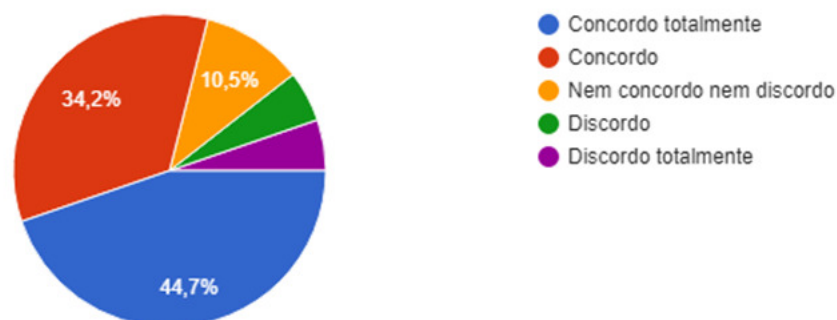
Fonte: Questionário aplicado, 2018

A partir desses gráficos, começamos a ver a interação com o Ensino Religioso, agora teremos maior variedade nos resultados, variedade de opiniões, concordâncias e discordâncias.

2.5.1.4- Relação Pais-Religião

8) Eu sigo algum credo religioso.

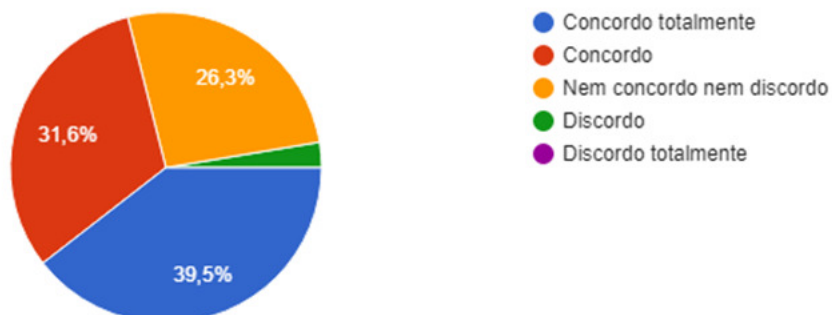
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

7) Minha família segue algum credo religioso.

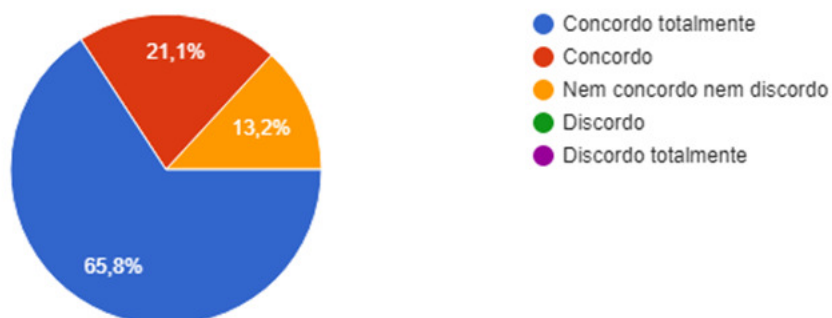
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

9) Para mim, todas as religiões devem ser respeitadas.

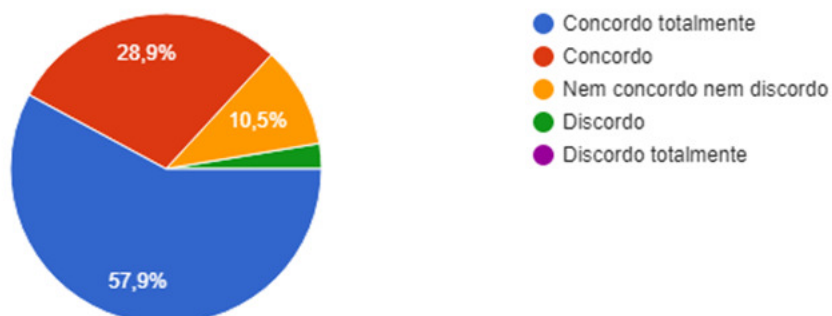
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

12) Meu filho pode ter uma fé diferente da minha.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

Os gráficos que abarcam o tema Pais-Religião mostram a relação dos pais com a própria religião e com a dos outros, percebemos que no total, 78,9% dos pais consultados possuem algum credo religioso e 71,1% dos núcleos familiares representados por esses pais seguem uma religião.

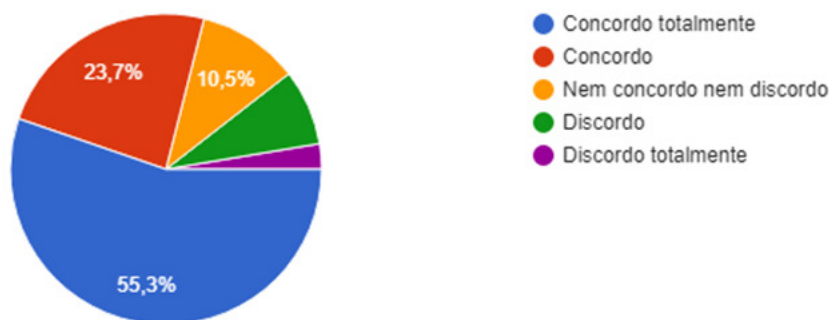
Quanto ao reconhecimento de respeito às diversas religiões, felizmente, 86,9% dos questionados, concordam sobre a necessidade de respeito a todas as formas de religiosidade, infelizmente, reconhecer não é respeitar e não podemos saber de fato quantas pessoas respeitam a pluralidade religiosa.

A respeito da tolerância à diversidade religiosa com os próprios filhos, 86,8% aceitariam seus filhos possuírem religiosidades diversas dos pais.

2.5.1.5- Relação: Pais e o Ensino Religioso

6) O ensino religioso deve ensinar a história de todas as religiões.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

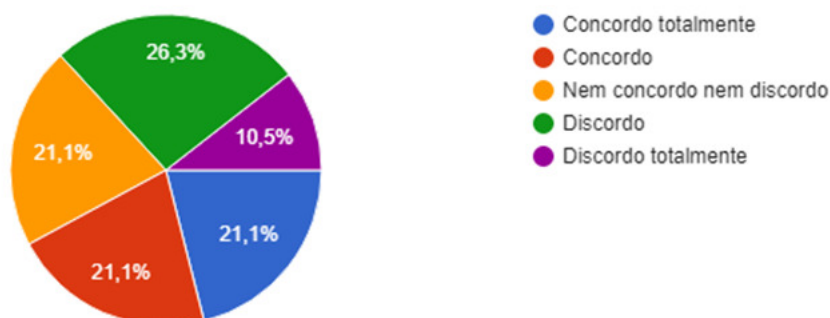
Dos pais questionados a respeito do ensino da história de todas as religiões, 79% concordam que o Ensino Religioso poderia e deveria ser ministrado dessa maneira nas escolas, enquanto 10,5% discordam dessa forma de ensino.

Percebi que para alguns pais, há a possibilidade que essa discordância tenha relação com o ensino das religiões afro-brasileiras devido a fala de uma mãe específica em um grupo de mães reunidas que concordaram. Nas palavras dela: "Não, senão vai ensinar 'macumba' pro meu filho".

Diante disso, é notado um preconceito que apesar de vir de uma minoria de pais, não é possível deixar passar despercebido.

13) Seria bom se um representante da minha religião ministrasse o ensino religioso.

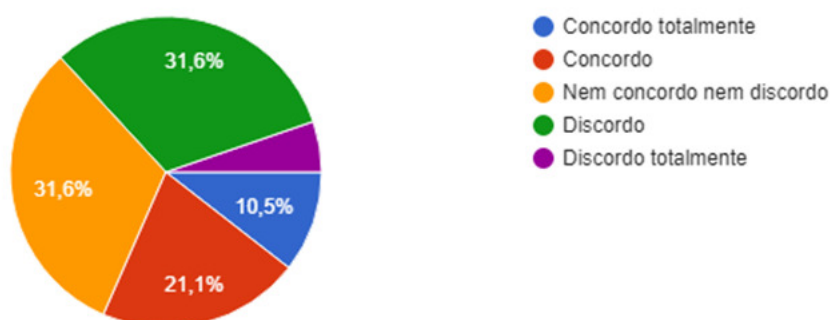
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

14) Seria ruim se um representante de outra religião ministrasse o ensino religioso.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

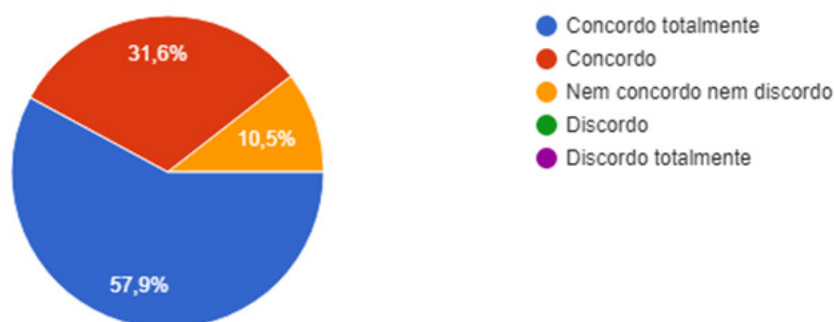
Na representação deste tema, tentaremos medir qual é o limite da tolerância para esses pais referentes à representatividade de própria religião e das diversas outras dentro da docência na escola pública.

No gráfico 13, podemos dizer que ficou bem balanceado as opiniões, 42,2% concordam e 36,8% discordam que seria bom o representante da religião dos pais ministrar o ensino religioso.

No gráfico 14, enquanto 31,6% concorda que seria ruim a presença de um representante religioso de outra religião na docência do ER, 36,8% discorda disso.

15) Um bom professor de Ensino religioso deve saber muito de história das religiões

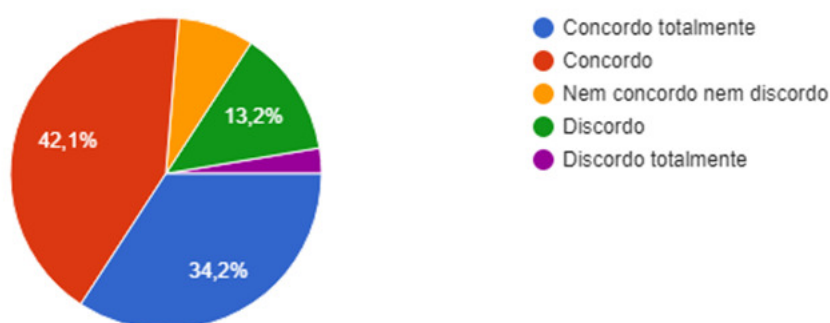
38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

16) Um bom professor de ER não precisa necessariamente ser comprometido com alguma religião

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

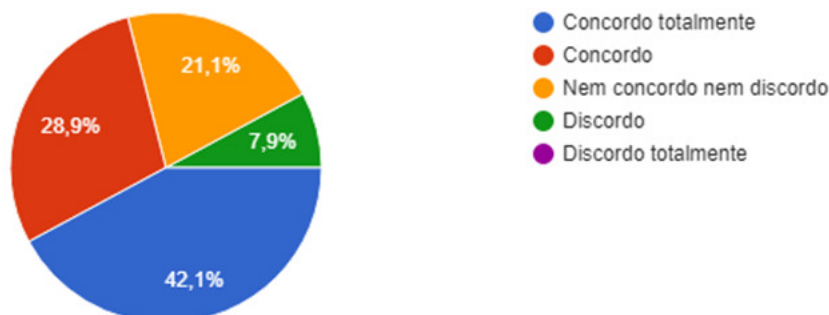
Estes gráficos se relacionam a religião e os educadores, uma vez que eles podem ser representantes ou confessar várias religiões, podem também se abster da religiosidade e ser apenas o professor de Ensino Religioso sem ligação institucional de qualquer espécie, ou até mesmo crença.

Além disso, há aqui o demonstrativo da opinião paterna sobre o tipo de educação religiosa do docente quanto à noção da história de todas as religiões. Cerca de 90% dos pais concordam que um bom professor deve ter esse conhecimento como requisito na docência do Ensino Religioso.

Dos pais questionados 76,3% concordam que o compromisso com a religião ou religiosidade não faz de um educador de Ensino Religioso competente, mas sua formação e sensibilidade para lidar com um tema que ainda é tão sensível no país.

17) Eu gostaria que meu filho (a) aprendesse um pouco de cada religião.

38 respostas



Fonte: Questionário aplicado, 2018

No tocante a tolerância dos pais sobre o aprendizado dos filhos sobre as diversas religiões que permeiam a humanidade, apenas 7,5% discordam, não se sabe os motivos das discordâncias, mas o aprendizado é fundamental para o desenvolvimento da tolerância religiosa do cidadão. No entanto, 70,9% concordam que gostariam que seus filhos aprendessem um pouco sobre cada forma de religiosidade.

2.6 - Modelo de questionário

Enquete 1

Saudações!

Caro (a) responsável: estou trabalhando em um estudo sobre *A opinião dos pais em relação ao ensino religioso na escola pública*, o qual servirá para um trabalho de conclusão de curso no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal Juiz de Fora do Brasil (MG). Sua ajuda é necessária para responder algumas perguntas. Suas respostas serão confidenciais e anônimas. Seja sincero (a) ao responder. Não há respostas corretas ou incorretas, pois se trata do que você pensa. Muito obrigada por sua colaboração!

MARQUE COM UM X A RESPOSTA QUE DEFINA O QUE VOCÊ PENSA, MAS, ANTES ESCREVA A CIDADE, A DATA, SEU COLÉGIO, IDADE, ESCOLARIDADE, SEU GÊNERO (HOMEM/MULHER/OUTRO)

Cidade: **Data** (dia/mês/ano) **Idade:**

..... **Escolaridade:** **Gênero:**

Orientação Sexual:

A seguir, você lerá uma série de afirmações. Responda de acordo com seu grau de concordância ou discordância sobre cada frase.

1) Estou sempre em contato com a escola do meu filho (a).

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

2) Sempre ajudo meu filho (a) na lição de casa.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem	Discordo	Discordo totalmente
---------------------	----------	------------------	----------	---------------------

(2)	(1)	discordo (0)	(-1)	(-2)
-----	-----	-----------------	------	------

3) Estou sempre presente nas reuniões escolares.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

4) Compreenderia as possíveis dificuldades do meu filho (a) na disciplina Ensino Religioso.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

5) O ensino religioso é importante para a vida do meu filho (a).

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

6) O ensino religioso deve ensinar a história de todas as religiões.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

7) Minha família segue algum credo religioso.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

8) Eu sigo algum credo religioso.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

9) Para mim, todas as religiões devem ser respeitadas.

Concordo totalmente (2)	Concordo (1)	Nem concordo nem discordo (0)	Discordo (-1)	Discordo totalmente (-2)
----------------------------	-----------------	----------------------------------	------------------	-----------------------------

10) O papel da família é ensinar valores morais.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

11) O papel da escola é ensinar valores morais.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

12) Meu filho pode ter uma fé diferente da minha.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

13) Seria bom se um representante da minha religião ministrasse o ensino religioso.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

14) Seria ruim se um representante de outra religião ministrasse o ensino religioso.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

15) Um bom professor de Ensino religioso deve saber muito de história das religiões

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

16) Um bom professor de ER não precisa necessariamente ser comprometido com alguma religião

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

17) Eu gostaria que meu filho (a) aprendesse um pouco de cada religião.

Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
(2)	(1)	(0)	(-1)	(-2)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi o estabelecimento de um paralelo entre os pais, suas relações com os filhos e a escola e sua opinião sobre o Ensino Religioso como é e como poderia ser e através disso elencar com produção de intolerância religiosa na sociedade.

Como vimos, o aprendizado deve ser realizado por meio de um trabalho em conjunto entre família e escola, isso também se enquadra no âmbito do ensino religioso.

Neste trabalho tento mostrar como a intolerância religiosa pode ser reduzida e até erradicada se o Ensino Religioso se propor a isso. Essa mudança, necessária na sociedade, deve ser realizada através das novas gerações.

Muitas vezes vemos pessoas dizendo que a educação é a solução para todas as mazelas da sociedade, mas nenhuma apresenta argumentos que corroboram essa ideia, no entanto, no âmbito da intolerância, acredito ser a educação nossa melhor chance de transformar efetivamente as relações dentro do campo religioso brasileiro, tão diverso.

Talvez seja muito otimismo de minha parte ou até ingenuidade, mas relações de respeito mútuo são e devem ser estimuladas entre pessoas, fiéis e instituições religiões para podermos ter finalmente fé na humanidade em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS

BRANDENBURG, Laude Erandi. A EPISTEMOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO, SUAS LIMITAÇÕES E ABRANGÊNCIAS: A CONFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO E DA RELIGIÃO NA ESCOLA - DOI 10.5752/P.1983-2478.2013v8n14p221.**INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 221-229, dez. 2013. ISSN 1983-2478. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-8478.2013v8n14p221/6241>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BRASIL. LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997. **Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9475.htm>. Acesso em 16 jun. 2018

BRASIL. DECRETO Nº 119-A, DE 7 DE JANEIRO DE 1890. **Prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias.**, Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9475.htm>. Acesso em 16 jun. 2018

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR**. 2007. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3004/1/000389091-Texto+Completo-0.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; BALDINO, José Maria. Ensino Religioso no Brasil: apontamentos epistemológicos de um modelo em construção. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 23, n. 17, p.181-202, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/310>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. Ensino religioso e Estado laico: uma lição de tolerância. Revista de Estudos da Religião (ISSN 1677-1222), p. 45-70, setembro, 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf . Acesso em: 26 fev. 2018.

FLORES, Cristine Gabriela de Campos; PAULY, Evaldo Luis. Educação, Laicidade e Espiritualidade: as Contribuições do Ensino Religioso para o Pleno Desenvolvimento do Educando. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 77-84, maio 2016. ISSN 1983-7828. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4709>> . Acesso em: 29 mar. 2018.

G1 - O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO. **Em 10 anos, brasil ganha mais de 1 milhão de famílias formadas por mães solteiras**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>> . Acesso em: 14 jun. 2018.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. Ensino confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta? **Revista de Educação CEAP**, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, v. 45, Salvador, jun. 2004. Disponível em: https://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/hai/ensino_confessional.pdf> . Acesso em: 21 fev. 2018

LEONEL, Guilherme. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade: continuidades, descontinuidades, transformações e novos ângulos de análise. **Interseções**. Rio de Janeiro, v. 12 n. 2, p. 382-407, 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/4597>> . Acesso em 16 jun. 2018

MARCOLAN, Marli da Luz Padilha; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. A Importância da Família no Processo de Aprendizagem da criança. **Nativa: REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE DE MATO GROSSO**, Guarantã do Norte, v. 1, n. 2, p.1-8, jan. 2013. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/83>> . Acesso em: 03 jan. 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>> . Acesso em: 10 jun. 2018.

MIGUEL, Lucia Oliveira Dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maio. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, VISANDO AO SUCESSO ESCOLAR. **Dia a dia educação**, Maringá, p. 1-21, 2008/jun. 2018. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-8.pdf>> . Acesso em: 04 jan. 2018.

PAULY, Evaldo Luis. O dilema epistemológico do ensino religioso. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 172-182, dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000300012&lng=en&nrm=iso . Acesso em 27 fev. 2018

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar. DO CONFSSIONAL AO PLURAL: UMA ANÁLISE SOBRE O NOVO MODELO DE ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Revista Diálogo Educacional**, [S.I.], v. 8, n. 23, p. 289-305, jul. 2008. ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4051>> . Acesso em: 30 mar. 2018.

RODRIGUES, Elisa. Ensino Religioso, tolerância e cidadania na escola pública. **Numen**: revista de estudo e pesquisa da religião. Juiz de Fora: Ed. UFJF, v.16, n.1, 2013. Disponível em <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/2126/1935> . Acesso em 28 fev. 2018

SANTOS, Valmor dos; LOPES, Nilmara. **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**. 2009. 9 p. Trabalho de Graduação ([S.I.]- [S.I.], Centro Universitário Leonardo da Vinci, [S.I.], 2009. Disponível em: http://tjsc25.tjsc.jus.br/academia/arquivos/A_INFLUENCIA_DA_FAMILIA_NA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf> . Acesso em: 10 jan. 2018.

Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015):** resultados preliminares. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/02/Relat%C3%B3rio-sobre-Intoler%C3%A2ncia-e-Viol%C3%A2ncia-Religiosa-no-Brasil-2011-%E2%80%93-2015-Resultados-Preliminares.pdf> . Acesso em: 16 jun. 2018.

SILVA, Áurea Pereira et al. **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.** 2005. 92 p. Projeto de Trabalho (Graduação em Pedagogia) - FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2005. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6622/1/40261573.pdf>> . Acesso em: 10 jan. 2018.

SOARES, Adriana Fraga. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem.** 2010. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Alvorada, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/35706> . Acesso em: 03 jan. 2018.

SOARES, Afonso Maria Ligorio; STIGAR, Robson. Perspectivas para o Ensino Religioso: A Ciência da Religião como novo paradigma. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 137-152, abr.2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/28443>> . Acesso em: 21 mar. 2018.

SOUSA, Jacqueline Pereira de. **A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.** 2012. 20 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf> . Acesso em: 07 jan. 2018.

STIGAR, Robson. Ensino Religioso: construção de uma proposta. **Rev. Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 2, n.2, p. 545-549, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/download/15344/14960> . Acesso em 15 jun. 2018